

diálogos com a

GERAÇÃO Z

Ano 7 | #01 | 2016

Tolerância, liberdade e convivência

FRONTEIRAS
EDUCAÇÃO

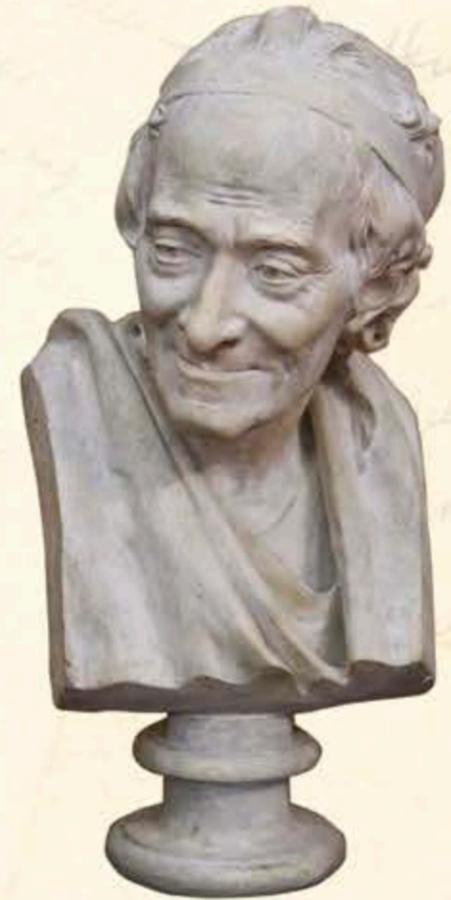
A primeira lei da natureza

No século XVIII, seguindo os passos de John Locke, que escreveu *Cartas sobre a tolerância*, François-Marie Arouet, mais conhecido pelo pseudônimo de Voltaire, produziu dois ensaios sobre o tema. No primeiro, incluiu no seu *Dicionário filosófico*, de 1764, o verbete “tolerância”. No segundo, elaborou um tratado sobre este conceito para defender Jean Calas, um burguês protestante que foi condenado devido à intolerância religiosa e perdeu os bens e a vida.

Voltaire escreveu em seu dicionário a seguinte definição para “tolerância”: “É o apanágio da humanidade. Somos todos cheios de fraquezas e de erros; perdoemo-nos reciprocamente as nossas tolices, tal é a primeira lei da natureza”.

Além do seu *Tratado sobre a tolerância*, ele também abordou a questão nas *Cartas inglesas ou cartas filosóficas*, em *O túmulo do fanatismo* e em *O filósofo ignorante*. A defesa da tolerância, da liberdade e da justiça está presente em toda a obra do filósofo francês iluminista, e suas ideias continuam relevantes para entendermos muitos acontecimentos recentes.

Nos últimos anos, a intolerância tem se manifestado publicamente em diversos acontecimentos: atentados em muitos países, guerras civis, rejeição a movimento migratório ao redor do mundo, fronteiras fechadas para os refugiados, casos de preconceito e violência no Brasil e ataques à liberdade de expressão. Mais do que nunca (e cada vez mais), precisamos resgatar os preceitos da tolerância e do respeito. Este fascículo do *Diálogos com a Geração Z* segue esta proposta: promover o debate e resgatar a disposição ao pensamento e à convivência com as diferenças.





A construção da felicidade

Cada pessoa tem sonhos, metas e desejos particulares em suas vidas. De forma geral, todos eles se resumem a um único propósito: ser feliz. Todo mundo quer alcançar a felicidade. Quando desejamos estudar em uma universidade, por exemplo, nosso objetivo a longo prazo é conseguir trabalhar com algo que nos traga felicidade, seja pela realização pessoal ou pelo retorno financeiro. Mesmo no curto prazo, sempre buscamos aquilo que nos trará mais satisfação: fazemos isso o tempo todo, sem percebermos, quando decidimos o que comer ou o que fazer no fim de semana.

No entanto, já dizia a canção de **Tom Jobim**: é impossível ser feliz sozinho. O ser humano é, afinal, um ser social – vivemos cercados de outras pessoas, em contato constante, travando relações e coexistindo em um mesmo ambiente. Assim, a nossa felicidade depende também da felicidade dos que nos cercam: amigos, parentes, namorados e namoradas, vizinhos etc. E para que todos possam ser felizes, é fundamental que respeitemos as diferenças de cada um e seus propósitos na vida, mesmo quando não somos capazes de entendê-los muito bem.

#Tom Jobim (1927-1994)

Um dos mais importantes compositores brasileiros. A canção mencionada se chama *Wave*.

Assim, não é por acaso que, na maior parte dos casos, a felicidade é construída socialmente. Quando estamos cercados de pessoas felizes, é mais fácil que também nos sintamos dessa forma. É por isso que um ambiente seguro, onde as pessoas são livres para buscar sua realização sem se sentirem ameaçadas (por violência, preconceitos ou discriminações), permite um índice de satisfação muito maior do que aqueles onde todos devem seguir um mesmo padrão imposto de fora.

Aí entra o papel da **tolerância**: ela abarca todo esse processo de respeitar os objetivos dos outros, buscando compreendê-los. A tolerância é a chave para uma vida mais justa e fraterna em sociedade, e pode impactar de forma positiva a vida de todos os indivíduos. Ela será o nosso principal assunto nas páginas a seguir.

#tolerância

Termo que tem sua origem no latim *tolerantia*, que significa “suportar um peso” ou “suportar algo de forma constante”.

A prática da tolerância é diária e constante. Quando temos um irmão ou um primo recém-nascido que nos acorda com o seu choro, por exemplo, não descontamos nele nosso incômodo, porque sabemos que ele não é capaz de evitá-lo. Em situação distinta, se temos um amigo que não escuta os mesmos gêneros musicais que nós, não terminamos a amizade por causa disso: simplesmente encontramos a melhor maneira de conciliar as preferências, evitando escutar música junto com ele ou revezando as *playlists* feitas por cada um durante uma festa ou um churrasco.

Os exemplos acima nos mostram que, mesmo nas situações mais banais, a tolerância desempenha um papel fundamental para a vida em sociedade. No entanto, isso também ocorre com questões muito mais complexas, como no caso das diferenças religiosas e políticas. O fato é que vivemos cercados de pessoas de todos os tipos, muitas vezes com crenças e visões de mundo diferentes das nossas, e aprender a conviver com isso é um dos grandes desafios do mundo contemporâneo.

#Tomás de Aquino (1225-1274)

Frade católico e filósofo italiano, um pensador de grande importância para a filosofia e teologia ocidentais.

Isso, contudo, está longe de ser novidade: na Idade Média, **Tomás de Aquino** já estudava a tolerância, que considerava ser algo semelhante à paciência. Era uma visão referente à sua época, em que diferentes religiões passaram a coexistir nas cidades que começavam a surgir – algo quase inédito até então. Há também antigo ditado em francês que explorava os limites dessa ideia: “Tolerância não é liberdade total”. Ou seja: a tolerância exige que sejam aceitas as diferenças, mas não significa que cada um possa fazer o que bem entender.

Chegamos, assim, na acepção atual do conceito. Hoje, entendemos a tolerância como “tendência a admitir, nos outros, maneiras de pensar, de agir e de sentir diferentes – ou mesmo diametralmente opostas – às adotadas por si mesmo”. Em outras palavras, é uma aceitação das diferenças dentro dos limites razoáveis estabelecidos em nossa sociedade, que permitem que todos vivam juntos evitando conflitos de qualquer natureza.

UM NOVO MUNDO

Viver em sociedade faz parte da natureza do ser humano. É algo que nos parece tão fundamental quanto comer ou respirar. Dependemos dos outros para sobreviver desde o dia de nosso nascimento: somos alimentados por nossas mães, que recebem o auxílio de outras pessoas durante o parto. Ao longo dos anos seguintes, contaremos com a ajuda de uma rede de pessoas, muitas delas desconhecidas, para ficarmos em segurança até sermos capazes de nos virarmos por conta própria.

As coisas já eram assim desde o início da **pré-história**, mas se tornaram ainda mais complexas a partir da **revolução agrícola**. Quando grupos que até então viviam no nomadismo finalmente puderam fixar residência em determinada região, a construção de habitações de maior qualidade para ocupação permanente, o trabalho agropecuário e a manufatura de diversas ferramentas passaram a fazer sentido.

Com isso, a sociedade se tornou gradualmente mais complexa, e as pessoas começaram a depender ainda mais umas das outras. Um sapateiro, por exemplo, elaborava calçados com a confiança de que agricultores providenciariam alimentos para ele. Da mesma forma, os agricultores cultivavam a terra sabendo que outras pessoas se encarregariam de construir casas, e assim por diante.

Isso levou a um crescimento dos agrupamentos humanos. As tribos nômades, compostas por grupos menores para que não houvesse dificuldade de deslocamento, deram lugar a agrupamentos maiores, onde um maior número de pessoas trazia mais segurança e melhores chances de sobrevivência. Indivíduos vindos de outro grupo já não eram vistos necessariamente como adversários, mas também como possíveis colaboradores – e isso abriu todo um novo mundo de possibilidades para a nossa espécie.

#pré-história

Período de dezena de milhares de anos que teve início com o surgimento da espécie humana e durou até a invenção da escrita, cerca de 3.500 anos a.C.

#revolução agrícola

Episódio que marca o fim do período nômade, quando os seres humanos migravam de uma região a outra em busca de comida, e o início do sedentarismo, com o cultivo de animais e plantas que possibilitam que um grupo de pessoas viva sempre no mesmo lugar.

UM NOVO DESAFIO

Após a revolução agrícola, nem tudo foram flores. Com a união de indivíduos provenientes de diferentes grupos, os humanos se depararam pela primeira vez com os desafios da convivência. Ao longo dos séculos, pessoas de hábitos, origens e culturas diferentes começaram a viver juntas, tendo de conciliar em sua rotina visões de mundo e concepções sociais muitas vezes conflitantes.

Mais tarde, os próprios aglomerados sociais (vilas, aldeias, feudos e, depois, cidades) começaram a desenvolver culturas e economias próprias, e passou-se a exigir de todos os seus habitantes o respeito a determinadas regras. Muitas delas já eram questões práticas para o funcionamento de uma sociedade: normas de trabalho, de respeito à integridade física dos outros cidadãos etc.

Também havia convenções de ordem mais abstrata – religiosas, culturais, raciais –, que influenciavam todas as outras e permeavam todos os âmbitos das vidas. Como essas questões não dependiam de uma lógica racional, era natural que houvesse discordância entre as pessoas. Contudo, essas discordâncias muitas vezes levavam a grandes mazelas: ódio, intolerância, preconceito, racismo, xenofobia, homofobia e extremismos religiosos.

Nenhum desses problemas é novo, muito embora estejam fortemente presentes na sociedade contemporânea. Na verdade, além de persistirem até os dias de hoje, é possível argumentar que eles se tornaram ainda mais constantes em nosso dia a dia. Em parte, isso se deve à globalização: com a possibilidade – ou necessidade – de as pessoas emigrarem para lugares do outro do lado do globo em busca de trabalho (em vez de ficarem restritas às vilas ou cidades de uma região, como acontecia até alguns séculos atrás), o mundo se tornou muito mais “misturado”.

Ao subirmos em um ônibus de uma grande cidade, encontramos pessoas de diversas raças, crenças, origens e orientações sexuais sentadas lado a lado.

Por isso, superar a intolerância é um dos desafios centrais no mundo de hoje. Como veremos nas próximas páginas, não se trata apenas de evitar grandes tragédias coletivas: também é preciso impedir que a intolerância siga transformando a vida de tantas pessoas em um verdadeiro martírio.

OS BRISOS DA

A tolerância é um valor fundamental, mas nem sempre é verificada na prática. Basta ligarmos um telejornal ou acessar um *site* de notícias para nos depararmos com os problemas causados pela intolerância, o oposto da tolerância: a total falta de respeito com visões de mundo diferentes da nossa.

A intolerância pode ser motivada por diversos fatores: culturais, econômicos, religiosos, raciais, xenófobos, políticos, étnicos ou de gênero, dentre outros. Nos casos mais patéticos, chega a ser motivada por algo tão banal quanto alguém torcer para um time diferente do nosso. Além disso, pode se manifestar de diversas maneiras, desde atentados terroristas (como aqueles perpetrados recentemente na França, sobre os quais falaremos mais adiante) até xingamentos, discriminação e agressões físicas. Para saber como combater este fenômeno em nosso cotidiano, é importante conhecermos suas principais manifestações.

INTOLERÂNCIA RACIAL - A intolerância racial, ou racismo, foi responsável por uma infinidade de episódios trágicos da história brasileira – sendo o período da escravidão o principal deles. Embora antiga, esta questão está muito longe de ser resolvida. Nos dias de hoje, muitas pessoas ainda são julgadas, violentadas ou têm oportunidades obstruídas devido à sua origem étnica ou cor da pele.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA - Outro problema com raízes históricas que remontam a séculos atrás, a intolerância religiosa causa atos de violência e discriminação de diversos graus de seriedade. Preconceito com devotos de outras religiões e atentados terroristas de grupos extremistas islâmicos, como o ISIS ou a Al Qaeda, são os exemplos mais conhecidos, mas também temos atentados terroristas praticados por fundamentalistas cristãos nos EUA promovidos por grupos como Army of God, que atacam clínicas de aborto, médicos e homossexuais, entre outros. No Brasil, não temos atentados terroristas e não há nada comparável em termos de intolerância religiosa. Isso não significa, entretanto, que não tenhamos atos de intolerância. Exemplo disso foi a invasão e a depredação de um centro de umbanda em Botucatu/SP por extremistas em 2015.

INTOLERÂNCIA

INTOLERÂNCIA DE GÊNERO -

Muitas pessoas têm a sensação de que a discriminação de gênero é algo recente, mas isso ocorre apenas porque há uma abertura cada vez maior da sociedade para discutir essas questões. Isso não é por acaso: o movimento feminista vem batalhando para que essa discussão ocorra desde os anos 1960. Mesmo assim, ainda estamos longe de ter igualdade entre mulheres e homens em nossa sociedade. Uma pesquisa recente da Comissão Econômica da América Latina da Organização das Nações Unidas (ONU) revelou que mulheres da região ganham até 25,6% menos que colegas homens ao ocuparem cargos equivalentes. Além disso, a imensa maioria das vítimas de violência doméstica é de mulheres – no Brasil, estima-se que este número esteja em torno de 95%.

HOMOFOBIA - Motivo constante de polêmicas, a discriminação contra homossexuais, bissexuais e transexuais é uma realidade inegável no Brasil. Atos de violência contra homossexuais são recorrentes em muitas cidades brasileiras, e o preconceito contra *gays* é facilmente verificável. Suas manifestações englobam a utilização do termo *gay* como algo depreciativo, mas também casos de violência ou exclusão social. Há quem argumente que “heterossexuais também sofrem preconceito e são vítimas de violência”. Trata-se, contudo, de uma falácia: embora a frase seja verdadeira, heterossexuais que sofrem preconceito o sofrem por sua cor da pele, origem social ou outro motivo, e não por se relacionarem afetivamente com pessoas de outro sexo. Da mesma maneira, não há registros de heterossexuais agredidos por desconhecidos apenas porque estavam na companhia de seu namorado ou cônjuge.

XENOFOBIA - Preconceito contra pessoas que vivem em um país que não é sua terra de origem. É mais comum na Europa, onde há uma maior população de imigrantes e refugiados que em qualquer outra região do mundo, mas também existe no Brasil. Nos últimos anos, houve alguns graves episódios de senegaleses e haitianos sendo vítimas de violência física ou verbal por causa de sua origem, inclusive no RS.

EXCLUSÃO: O PROBLEMA QUE MUITOS NÃO VEEM

Vimos nas páginas anteriores casos de intolerância em nossa sociedade. Os exemplos apresentados – violência, preconceitos manifestos, diferenças salariais – são discutidos com frequência em rodas de conversa, na televisão, no rádio e em *blogs* e jornais. São as manifestações mais visíveis da falta de tolerância.

Mas a intolerância também ocorre de maneira menos perceptível, embora muitas vezes mais problemática: através do fenômeno da exclusão. Muitas vezes, os sistemas de exclusão estão tão arraigados em nossa cultura que sequer percebemos que eles existem. Até mesmo as pessoas que são vítimas desse tipo de discriminação constante podem ter dificuldade para constatar o que está acontecendo. O motivo para isso é que, em vez de se concretizar em atos pontuais de conflito (como agressões ou insultos), a exclusão social ocorre continuamente, dia após dia, influenciando diversos aspectos da vida do excluído.

Não por coincidência, as causas mais recorrentes de exclusão social derivam dos principais tipos de intolerância. A intolerância religiosa, por exemplo, pode levar à exclusão de fiéis de religiões minoritárias. A intolerância racial está por trás da exclusão étnica, e assim por diante.

No Brasil, talvez o caso mais substancial seja o da exclusão econômica. É inegável que, no geral, pessoas de baixa renda no nosso país têm mais dificuldade para garantir os seus direitos e receber as mesmas oportunidades que os demais. Essa diferença pode ser verificada desde o tratamento que os mais pobres recebem ao buscar determinados serviços públicos até a maneira como são tratados pela polícia, pela justiça ou por cidadãos mais abastados em diferentes situações.

Também é comum as exclusões de gênero e racial, como nos casos em que mulheres ou negros deixam de conseguir vagas de emprego somente por causa de seu gênero ou da sua cor da pele. Portanto, o racismo e o machismo, assim como a discriminação de classe, são agentes que colaboram para a manutenção dos sistemas de exclusão. Combatê-los é um dos desafios que temos para construir um país mais justo e igualitário.

COMBATENDO OS PADRÕES DE PRECONCEITO

Muitos grupos lutam pelos direitos das vítimas de exclusão: organizações de defesa aos direitos de pobres, mulheres, negros, gays, religiões minoritárias etc. Eles trabalham para que as pessoas tomem consciência das discriminações diárias e oferecem redes de apoio a vítimas de agressão e preconceito, além de discutirem estratégias para derrotar a exclusão social a longo prazo.

Parte desse combate é travado de forma individual: a recusa do oprimido a aceitar um tratamento excludente contribui para o fim dessas práticas. O problema é que essa resistência pode ser muito difícil para as vítimas de discriminação.

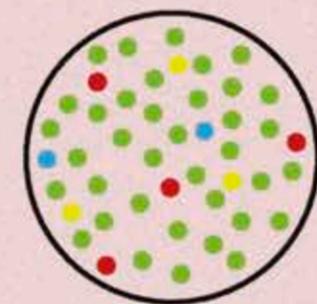
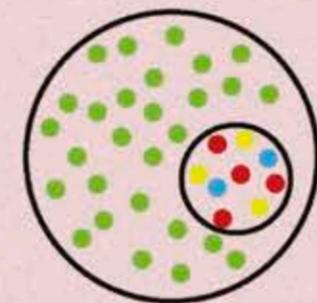
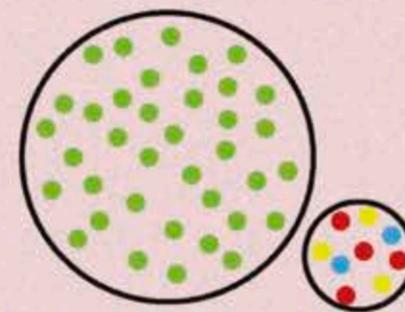
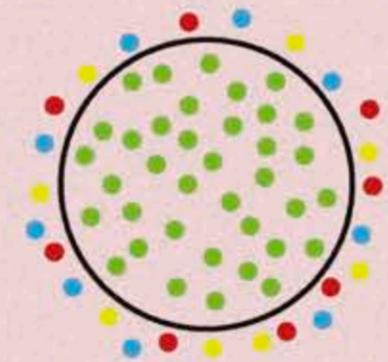
Para aqueles que não sofrem qualquer tipo de exclusão, isso pode parecer estranho. A verdade é que nem sempre é possível se colocar no lugar do outro e compreender os desafios enfrentados por quem se encontra em uma situação de maior vulnerabilidade. Contudo, se todos os que estão em posição privilegiada tiverem isso em mente ao lidarem com os excluídos, a tendência é que não reproduzam os padrões preconceituosos e consigam estabelecer uma relação de igual para igual. Por isso, é importante debater as formas de exclusão em toda a sociedade.

O confronto direto não é a única ferramenta possível na luta pela igualdade. O pensador [Kwame Anthony Appiah](#) alerta para o fato de que, em determinadas situações, assumir-se de saída como um excluído impossibilita qualquer diálogo, e pode resultar até mesmo em agressões. Assim, quando, por exemplo, um umbandista se relaciona com um intolerante religioso, pode ser mais produtivo que ele revele sua religião apenas quando já houver confiança entre os dois. Assim, o intolerante se vê obrigado a repensar seus preconceitos: como se tornou amigo de alguém que teria menosprezado, caso soubesse de sua religião?

Na maioria das vezes, a intolerância é apenas fruto da ignorância – aversão e preconceito frente àquilo que não conhecemos.

#Kwame Anthony Appiah
(1954)

Filósofo e escritor anglo-ganês, especializado em estudos culturais e literários. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.



O PRAZER DE VIVER JUNTO

Sociabilidade. O maior objetivo de uma sociedade que se propõe igualitária e fraterna se resume a este único conceito. De acordo com o dicionário, a palavra significa um “prazer de levar uma vida em comum”, uma “inclinação a viver em companhia dos outros”. Outra de suas acepções é “domínio e exercício das regras de boa convivência”. Não é à toa que essas ideias sejam designadas pela mesma palavra: são coisas completamente interligadas, e uma é impossível sem a outra.

O fato de a sociabilidade ser o fim maior de nossa civilização, aquilo que orienta (ou deveria orientar) desde os grandes planos governamentais até as ações mais singelas, como varrer a calçada ou cumprimentar um vizinho, explica por que a tolerância é considerada tão importante nos dias de hoje. Se não houver tolerância, as pessoas não são capazes de desfrutar da vida em conjunto.

Quando pensamos nisso, percebemos que os **ambientes públicos** de uma cidade adquirem especial importância por serem espaços de socialização. É neles que pessoas diferentes podem se conhecer, conversar, debater ideias, fazer planos e projetos ou simplesmente se divertir. Todos esses tipos de interação contribuem para uma maior **coesão social**, incentivando um carinho e uma preocupação mesmo com os desconhecidos que vivem no mesmo lugar que nós. Essa empatia também fortalece as instituições e o senso de comunidade, fazendo com que as pessoas se ajudem mais umas às outras e tornem a vida de todos mais prazerosa.

#ambientes públicos

Aqueles que são de livre acesso para qualquer cidadão, em oposição às residências, clubes e associações de acesso restrito. Não se restringem a áreas pertencentes ao Estado: museus, fundações culturais e até mesmo locais de festas e restaurantes podem ser enquadrados nessa categoria.

#coesão social

Conceito estudado pelo sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917) que representa as forças que mantêm as pessoas juntas em sociedade, permitindo uma vida harmoniosa em conjunto.

O PAPEL DA IGUALDADE

Qualquer cidade ou país que deseje promover a sociabilidade deve ter como uma de suas prioridades a defesa da igualdade, seja ela de oportunidades ou de direitos. Em primeiro lugar, porque o mero contato entre diferentes cidadãos tem como pré-requisito que todos tenham acesso aos mesmos parques, praças e espaços de convívio – acesso este que, muitas vezes, é restringido por questões econômicas, ou mesmo de segurança. Mas também porque, quando todos são tratados da mesma maneira pelo poder público, há menos sensação de injustiça e maior fraternidade.

Falando, até parece fácil. Mas, se olharmos para a nossa realidade, perceberemos que ainda estamos muito longe desse ideal. No mundo contemporâneo, muitas vezes são incentivadas mais as conquistas individuais que aquelas de ordem coletiva – contribuir para uma sociedade mais justa e um país melhor não apenas para nós, mas para todos os que nele vivem.

Richard Sennett se dedica a pesquisar as consequências nas relações sociais. Para ele, a sociedade civil deve ser um espaço no qual todas as pessoas se sintam à vontade para se relacionar como iguais – um cenário sem excluídos ou vítimas de intolerância. No entanto, ele não acredita que isso vem acontecendo. Sennett denuncia algo que chama de isolamento cultural. “As cidades já foram locais tradicionais de mescla entre pessoas de diferentes origens, estratos econômicos e visões políticas”, afirma. Mas ele aponta que hoje os cidadãos se isolam em bolhas porque sentem que não têm a capacidade de viver juntos. Esta é uma grande ameaça à sociabilidade, e também à coesão social.

Para ele, a raiz do problema é a crença do indivíduo moderno de que depender de outras pessoas é algo humilhante quando, na verdade, todos dependemos dos outros. Se a sociedade assumisse essa interdependência, acredita ele, todas as instituições ganhariam força. E a sociabilidade deixaria de ser um sonho tão distante.

#Richard Sennett (1943)

Sociólogo norte-americano, autor de livros sobre a influência das cidades nas relações sociais. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.



LIBERDADE DE EXPRESSÃO: O OPOSTO DA INTOLERÂNCIA

No mundo globalizado em que vivemos, o respeito às diferenças deixa de ser um desejo abstrato e se torna uma necessidade básica. Não se trata apenas de buscar uma vida mais plena e feliz para a cidadania, mas de algo fundamental para a sobrevivência de todos. O que fazer, portanto, nas situações em que visões de mundo são diretamente conflitantes e a intolerância parece inevitável?

Essas são algumas das principais questões com as quais os grandes pensadores de nosso tempo se deparam. Talvez, o exemplo mais forte dos dias de hoje seja o embate entre a liberdade de expressão – um dos principais valores da democracia ocidental – e o extremismo religioso. O atentado contra o jornal cômico francês *Charlie Hebdo* em 2015 foi uma das manifestações mais trágicas dessa oposição.

Embora muitas vezes apareça de forma simplificada e superficial na mídia e nas redes sociais, esta é uma questão bastante complexa. Em primeiro lugar, é importante ressaltar que o assassinato dos cartunistas franceses é inadmissível, como é qualquer assassinato em qualquer situação. Independentemente de qualquer juízo crítico que se possa fazer sobre o jornal e seu tipo de humor, isso jamais poderá servir como justificativa para o crime bárbaro do qual foram vítimas. Não é isso que está em debate.

Contudo, os limites da liberdade de expressão merecem ser discutidos. “Liberdade de expressão” não é o mesmo que poder dizer qualquer coisa sem levar em conta o peso de nosso discurso. Ao falarmos, devemos pensar nas consequências daquilo que dizemos. Discursos que estimulam a intolerância, a violência e a discriminação devem ser combatidos, pois eles não são uma expressão de liberdade – pelo contrário, são uma tentativa de restringir a liberdade alheia.

Sob essa ótica, o atentado contra os humoristas do *Charlie Hebdo* foi perpetrado por extremistas que justificam seus atos através de um discurso de intolerância. É o exato oposto da liberdade de expressão: uma tentativa de impedir a circulação de ideias contrárias a de seus perpetradores através do uso da força.



O MASSAGRE DO CHARLIE HEBDO

Em 7 de janeiro de 2015, dois extremistas religiosos islâmicos invadiram a sede do jornal de humor *Charlie Hebdo*, em Paris, e assassinaram 12 pessoas. O atentado foi perpetrado pelos irmãos Saïd e Chérif Kouachi, que repudiavam ilustrações do profeta Maomé publicadas pelo jornal. Alguns setores extremistas do islamismo entendem que qualquer representação visual (imagens, atuações ou esculturas) do profeta Maomé é inaceitável.

O atentado recebeu repúdio a nível internacional e incitou importantes debates sobre os limites da liberdade de expressão (ela justifica a veiculação de materiais que ferem a dignidade de outros?), o extremismo religioso (como impedir que tragédias como a do *Charlie Hebdo* ocorram?) e a relação desses problemas com o terrorismo.

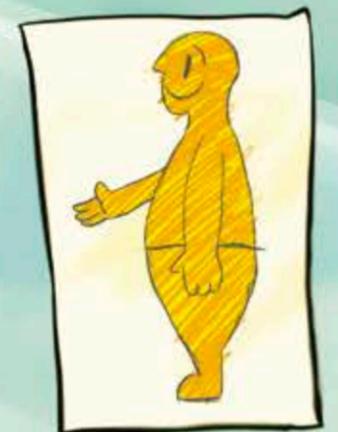
SUBMISSÃO, DE HOUELLEBECQ

Por uma trágica coincidência, no mesmo dia em que ocorreu o atentado ao *Charlie Hebdo*, o francês **Michel Houellebecq** lançou o livro *Submissão*. Nele, o escritor cria um cenário futuro distópico para a França, onde a chegada do partido fictício Fraternidade Muçulmana ao poder gera transformações negativas no país.

Em seu romance, Houellebecq discute um futuro onde as diferenças não são toleradas. Neste caso, a imposição dos valores islâmicos sobre toda a sociedade leva à discriminação dos que não são adeptos da religião. O livro é uma reflexão sobre a incompatibilidade da intolerância e dos extremismos com os valores que guiam uma sociedade democrática.

#Michel Houellebecq
(1956)

Escritor francês, um dos mais traduzidos e controversos ficcionistas contemporâneos, autor de *Submissão* e *Partículas elementares*. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2016.





Nativos, imigrantes e refugiados

Vimos como a convivência nos centros urbanos de imigrantes de diferentes partes do mundo gera novos desafios sociais, bem como a importância do exercício da tolerância neste contexto. O fato é que existem maneiras de reduzir esse tipo de atrito através de políticas governamentais que orientem a população a lidar com as diferenças culturais e estimulem o contato dos grupos que habitam uma cidade para reduzir a ignorância e promover o convívio.

Isso vale para quando falamos dos imigrantes típicos – aqueles que deixam seus países por opção, geralmente em busca de uma vida melhor ou de novas oportunidades, e que são recebidos por um país em um fluxo mais ou menos constante, de acordo com seu grau de abertura. Existem, afinal, até mesmo alguns países que estimulam a vinda de pessoas de fora – nações como o Canadá e a Suécia são alguns exemplos. No entanto, os programas de migração oferecidos por eles são bastante criteriosos, e os selecionados costumam ser pessoas jovens e com boa formação profissional. Quando se trata de pessoas mais velhas, o acolhimento se torna bem mais difícil, para não dizer improvável.

A situação também é delicada quando se trata de refugiados: aqueles que, ao contrário dos imigrantes, não têm mais a opção de viver em seus países e fogem às pressas de conflitos armados ou de perseguição política, étnica e religiosa. Ao contrário dos migrantes, cujo fluxo pode ser controlado, os refugiados chegam em situação de desespero, deixando tudo para trás, e em grande quantidade – por isso, preparar os nativos e as instituições para recebê-los é um desafio muito maior.

Existem hoje no mundo 65 milhões e 300 mil refugiados. Devido à sua distância dos principais conflitos bélicos da atualidade, como aqueles que ocorrem no Afeganistão, na Somália e na Síria, o Brasil não recebe muitos refugiados. No entanto, até hoje, 3.460 sírios já pediram autorização para viver aqui – um sinal de que este fenômeno começa a fazer parte também da nossa realidade.



A crise nas fronteiras

A Europa é o destino mais comum para aqueles que fogem de conflitos como o da Síria. O continente atravessa um momento político conturbado devido à chegada dessas pessoas, que se deu repentinamente e em grande número. Uma de suas consequências foi o **Brexit**, motivado em parte por um receio da população do Reino Unido em receber mais estrangeiros.

Medidas drásticas vêm sendo tomadas para impedir os refugiados de entrar na Europa. A construção de um muro em Calais, no sul da França, chegou a ser anunciada. Muitos também tentam acessar o continente por via marítima, em embarcações improvisadas que tentam ir da África à Itália. Essas viagens são normalmente agenciadas por aproveitadores e se realizam sem qualquer garantia de segurança. Muito frequentemente, as embarcações afundam e há muitos mortos.

Um dos principais motivos para a resistência dos europeus em receber esses refugiados tem origem no preconceito: parte da população europeia acredita que, por serem em sua maioria muçulmanos, os sírios são todos extremistas religiosos e, portanto, terroristas em potencial. Há também um temor de que a economia europeia, ainda enfraquecida pela crise de uma década atrás, não seja capaz de absorver tantos trabalhadores.

No entanto, há vozes mais otimistas. Uma delas é a de **Mary Robinson**, que vê na chegada dos refugiados uma possível solução para problemas que há muito assolam a Europa: o envelhecimento da população e a baixa taxa de natalidade. Ela acredita que, com políticas adequadas, os europeus poderiam oferecer abrigo aos refugiados e fortalecer a sua economia sem abrir mão de suas tradições; algo que, conforme ela lembra em alguns de seus pronunciamentos, já ocorre em países mais pobres, como a Etiópia e a Jordânia.



#Brexit

Nome pelo qual se designa a saída do Reino Unido da União Europeia, um processo político que ainda se encontra em andamento. A decisão foi tomada por plebiscito, no qual a maior parte da população votou a favor da saída da UE.

#Mary Robinson (1944)

Diplomata e ex-presidente da Irlanda, tem o estudo dos fluxos migratórios como um de seus principais interesses. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2016.



BRASIL: *um país intolerante?*

Os brasileiros são conhecidos internacionalmente por seu caráter receptivo. A verdade é que gostamos de visitas e, a princípio, temos curiosidade com aqueles que são diferentes de nós. Isso pode ser comprovado pela grande satisfação das pessoas que vieram do mundo todo para assistir à Copa do Mundo de 2014 e às Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016.

Mas receber turistas com data para chegar e partir e um objetivo predeterminado é uma coisa. Muito mais complicado é o convívio do dia a dia, quando devemos confrontar as diferenças em situações que são desagradáveis por natureza e que em nada se assemelham às festas dos grandes eventos esportivos. Em situações como essas, que vão desde um ônibus cheio até a fila para pagar uma conta no banco, preconceitos vêm à tona e o convívio se torna um desafio.

Em parte, o pequeno número de incidentes com estrangeiros se deve à cultura brasileira, que é caracterizada por certa tolerância aos que vêm de fora, mas em parte isso também se deve ao fato de que, proporcionalmente, não há muitos estrangeiros vivendo no Brasil. Como vimos antes, contudo, a intolerância não se resume à xenofobia: há outras formas de ódio e discriminação que podem ser verificadas nas mais diversas sociedades, incluindo a nossa.

Algumas dessas expressões da intolerância deixam vítimas diariamente no Brasil. Um exemplo: somos o país com maior número de assassinatos contra [transexuais](#) no mundo, de acordo com dados da ONG Transgender Europe. Casos de ataques contra gays e lésbicas também não são raros; alguns anos atrás, por exemplo, era comum que casais homossexuais fossem agredidos na avenida Paulista, uma das principais ruas de São Paulo. Além disso, há um preconceito crescente por parte de alguns grupos contra os praticantes de religiões de raiz africana – um preconceito que tem sua origem mais ampla no racismo, uma mazela que, como bem sabemos, perpassa toda a história do Brasil e também é uma forma de intolerância.

[#transexuais](#)

Indivíduos cuja identidade de gênero não é a mesma daquela designada no nascimento e buscam fazer a transição através de uma operação médica.



Mas... eu não sou INTOLERANTE!

Diante da afirmação de que o Brasil é, sim, um país intolerante, a reação de muitos de nós é ficar na defensiva. Afinal, o que foi que eu fiz para que se diga isso? Isso é bastante positivo: significa que não queremos ser assim, e essa vontade é nossa principal ferramenta para transformar a realidade.

Por outro lado, um país ser ou não intolerante não depende de ações individuais. Se não houver uma preocupação coletiva em tornar nossa nação mais receptiva e igualitária, os esforços de cada um podem ser em vão. Por isso, é fundamental debater e questionar a intolerância com amigos, colegas, parentes e, em alguns casos, até mesmo com desconhecidos.

Tampouco devemos dar por certo que somos pessoas bastante tolerantes. As coisas são mais complexas do que isso, e o mundo não se divide entre pessoas de dois tipos opostos. Podemos ser tolerantes na maior parte do tempo, mas eventualmente protagonizarmos episódios de intolerância. Por isso, devemos refletir sobre cada uma de nossas atitudes, sabendo que não estamos imunes a cometer erros.

Nas redes sociais

As redes sociais, apesar de seu potencial positivo, vêm sendo palco de muita intolerância – sobretudo de caráter político-ideológico. A suposta divisão do país entre “petralhas” e “coxinhas” estimulou o uso de palavras de ódio e a incitação à violência. Esse tipo de conflito não tem qualquer relação com a prática saudável da política, pois ofensas são trocadas sem que ninguém reflita sobre suas convicções.

A política é algo que se faz através do diálogo, da conciliação de intenções e da busca por uma solução que seja satisfatória para todos. Essa é a base da democracia, e nesse processo o diálogo entre pessoas de ideologias opostas é fundamental. Portanto, o tipo de bate-boca que verificamos nas redes, onde ofensas pessoais são trocadas e respostas violentas substituem a apresentação de argumentos e o pensamento, conspira contra a democracia. Quando a conversa se dá nesses termos, todos os lados saem perdendo.

COMPANHÃO NA PRÁTICA

Não vivemos em um mundo ideal. Se vivêssemos, não desperdiçaríamos nosso tempo discutindo como aprimorar a nossa sociedade e as relações diárias de convívio que travamos com outras pessoas. A verdade é que não é possível viver em um mundo ideal: por mais que trabalhem para melhorá-lo, sempre haverá problemas e coisas que nos desagradam, e aceitar este fato é importante para aprendermos a lidar com nossas frustrações.

Um mundo perfeito é impossível, porque aquilo que se considera perfeito varia de uma pessoa para outra. Por isso, uma das grandes máximas que repetimos desde pequenos, “trate os outros como você gostaria de ser tratado”, não serve como regra universal para todas as situações.

A escritora [Karen Armstrong](#) chama atenção para esse fato ao ressaltar que a compaixão é um exercício de alteridade, de se colocar no lugar do outro. Para ela, impor aos outros aquilo que acreditamos que será melhor para eles costuma ter consequências trágicas – até mesmo guerras. Nas palavras dela, ainda temos “muito tema de casa” por realizar para entendermos a melhor maneira de fazer política e nos relacionarmos no cotidiano.

E o que aprenderíamos se fizéssemos esses temas? Na opinião dela, o principal é aprender a ceder. Em vez de fazer aquilo que gostaríamos, devemos nos colocar no lugar do outro, descobrir sua história de vida e entender não apenas suas crenças políticas e econômicas (que, em nosso sistema de consumo, são muitas vezes encaradas como as mais relevantes), mas também religiosas e éticas. Armstrong acredita que esse exercício de combate ao egoísmo nos levaria a tolerar mesmo as pessoas de quem não gostamos, garantindo assim um ambiente melhor para os dois – algo mais próximo do que ambos concordariam ser um mundo ideal.

**#Karen Armstrong
(1944)**

Escritora britânica, criadora do Charter for Compassion – um manifesto que pede que pessoas de todas as etnias e religiões pratiquem a compaixão. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

VIDA: PROSA POÉTICA

O exercício da tolerância e a ideia de uma comunidade mais coesa passam, em grande parte, pelo entendimento de que não devemos guiar nossas vidas de forma egoísta. Não que jamais devamos pensar em nós mesmos ou em nossos interesses. Pensar em um mundo melhor para todos significa pensar no conjunto, mas também significa pensar que mundo poderia ser melhor para... nós mesmos!

Para [Edgar Morin](#), é um equívoco encarar os âmbitos individual e coletivo como opostos. Na verdade, para desenvolvermos nossas vidas de forma plena, é importante trabalhar o coletivo. Morin evoca [Zygmunt Bauman](#) ao afirmar que precisamos de mais autonomia, mas também de mais comunidade.

Não é necessário ir longe para encontrarmos provas disso: nas grandes cidades, as rotinas parecem cada vez mais submetidas ao relógio. As pessoas correm de um lado para o outro em cotidianos agitados, mas repetitivos, que não raro trazem cansaço e frustração. Se todos vivemos assim, fica difícil encontrar tempo para refletir sobre o que queremos ou como tratamos os outros. Por isso, as transformações individuais dependem sempre de uma transformação coletiva.

PROSA E POESIA

Ao falar sobre duas facetas distintas da vida, Morin propõe uma metáfora literária. De um lado, existe a “prosa” da vida: é o texto mais denso, aquilo que somos obrigados a fazer, que nos aborrece, que nos entristece. Pode ser mais informativo do que prazeroso, mas são coisas de que dependemos para sobreviver. O trabalho diário seria um dos principais exemplos. Do outro, estaria a “poesia” da vida – aquilo que nos dá vontade de viver e que pode se expressar através do amor, da amizade, da comunhão, da diversão, da dança, do êxtase, das festas. Morin acredita que o segredo para uma vida feliz está no equilíbrio entre esses dois polos.

**#Edgar Morin
(1921)**

Sociólogo e filósofo francês, um dos últimos grandes intelectuais da época de ouro do pensamento francês do século XX. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2008 e 2011.

**#Zygmunt Bauman
(1925)**

Sociólogo e escritor polonês, autor de mais de 20 livros publicados no Brasil e ao redor do mundo. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2011.

A intolerância na América Latina

“Eu acho que não devemos tolerar a intolerância. Devemos ser intolerantes com a intolerância!” **Mario Vargas Llosa**, autor desta frase, acredita que a melhor maneira de fazer isso é sendo tolerante. Nascido no Peru, país vizinho ao Brasil, Vargas Llosa tem uma preocupação especial com a realidade das nações da América Latina e a nossa violenta história. Ele acredita que os latino-americanos são herdeiros de uma longa tradição de intolerância porque somos “filhos da contrarreforma”.

A contrarreforma foi um momento de grande violência iniciado em 1545, durante o qual a Igreja Católica promoveu a perseguição daqueles que discordavam de seus **dogmas**. O período recebeu este nome porque foi uma resposta contrária à Reforma Protestante, realizada algumas décadas antes pelo monge e professor de teologia alemão Martinho Lutero, que propunha uma prática cristã ao mesmo tempo menos dogmática e menos institucionalizada.

Como a Igreja Católica tinha uma grande influência sobre Portugal e Espanha na época em que estes reinados colonizaram os atuais países da América Latina, as consequências da contrarreforma serviram de base para a nossa sociedade. Populações indígenas foram dizimadas desde a chegada dos primeiros espanhóis devido à sua cultura de vida incompatível com a fé cristã. Pouco importava que fosse até mesmo impossível para esses indígenas conhecer o cristianismo, que havia surgido na Europa e, até então, era praticado apenas por lá.

O tempo passou, as coisas mudaram e, neste sentido, melhoraram: pegando o Brasil como exemplo, podemos perceber que hoje há por aqui uma convivência mais pacífica entre diferentes doutrinas e religiões. Contudo, como vimos em páginas anteriores, ainda hoje há casos de incitação de violência e disseminação do preconceito contra as religiões afro-brasileiras. É esse o tipo de intolerância que não devemos tolerar.

#Mario Vargas Llosa
(1936)

Escritor e pensador peruano, Prêmio Nobel de Literatura. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* nos anos de 2010 e 2016.

#dogmas

Pontos fundamentais de uma doutrina religiosa, considerados indiscutíveis por seus fiéis.

Religião intolerante, região violenta

A América Latina é uma região bastante violenta. Embora, nos dias de hoje, guerras e conflitos armados sejam exceção por aqui, quase todos os países latino-americanos sofrem com grandes problemas de violência urbana: assaltos, homicídios e latrocínios, por exemplo.

Buscar uma explicação para isso no derramamento de sangue ocorrido nas primeiras décadas após a chegada dos europeus seria um reducionismo simplista e, para dizer de forma mais direta, um erro. No entanto, compreender a formação de nossa sociedade nos dá pistas para que entendamos melhor a nossa cultura. E, a partir dessa compreensão, tornamo-nos capazes de refletir com mais propriedade sobre o problema da violência.

No Brasil, aquela raiz de intolerância citada por Vargas Llosa não se limitou ao contato com os índios. Adeptos de outras religiões europeias, como os luteranos e os batistas, também passaram maus bocados para se integrar à sociedade local. Sem falar nos africanos escravizados, que não tinham liberdade para realizar suas práticas religiosas. Após a abolição da escravatura, eles continuariam sendo vítimas de discriminação racial, assim como ocorria com os indígenas.

Nesse contexto social, a população brasileira, embora bastante diversificada, foi se fechando em grupos culturais que olhavam para os demais com desconfiança. Não raro, essa desconfiança se expressava através da violência, e, ao longo dos séculos, isso se tornou uma parte vergonhosa de nossa cultura. Até hoje, é comum que diferenças que poderiam ser solucionadas com o diálogo, ou simplesmente toleradas e deixadas de lado, estimulem práticas de violência.

Eradicar a intolerância, portanto, é uma ótima maneira de se reduzir a violência. Vargas Llosa resume com perfeição a postura a ser adotada: “Temos que aceitar a ideia de que podemos estar errados e, portanto, nossos ‘adversários’ podem ter razão. Essa humildade, que representa reconhecer a possibilidade do erro, é a fonte da tolerância”. Para o Nobel peruano, isso é fundamental para o desenvolvimento dos países latino-americanos, porque a tolerância é o principal valor na base da democracia.



O mundo atual está cada vez mais complexo. Todos os dias, somos expostos a uma quantidade de informações que seria inimaginável apenas algumas décadas atrás, quando ainda não havia internet ou telefones celulares. As coisas mudam constantemente, com novas tecnologias surgindo para substituir aquelas que eram novidade apenas há um ano. E o trabalho nunca foi tão especializado – às vezes, precisamos de muitos minutos para simplesmente entender a profissão de outra pessoa.

Um mundo com tantos detalhes e sempre em transformação permite novas maneiras de viver. Cada inovação representa também uma nova possibilidade de escolha, uma decisão a mais para tomarmos. Às vezes, isso nos deixa desorientados: não é à toa que a ansiedade é uma enfermidade cada vez mais comum nas grandes cidades. Mas a verdade é que nenhuma geração anterior pôde escolher com tanta liberdade a maneira como viveria.

Será mesmo? Se pararmos para pensar, na prática as coisas não são bem assim: moradores de cidades em países e continentes diferentes parecem ter vidas e hábitos cada vez mais semelhantes: escutam as mesmas músicas, comem as mesmas coisas, assistem às mesmas séries de televisão. Em um cenário como esse, homogeneizado pelo consumo, o diferente é quase sempre visto com muitas ressalvas, e muitas pessoas se esforçam para se adequar ao padrão.

Este é um ambiente simpático à prática da intolerância não apenas de cunho étnico, religioso ou de gênero, mas também por motivos muito mais fúteis. Uma pessoa que não se adequa a parâmetros de beleza, por exemplo, pode ser ofendida ou discriminada. Aqueles que não têm dinheiro para comprar roupas da moda se tornam excluídos em alguns grupos. E assim por diante.

Ninguém sai ganhando com isso. Contribuir para um ambiente onde as diferenças são respeitadas, e até mesmo valorizadas, permite que nós também experimentemos uma liberdade mais plena para sermos do modo que mais nos agrada. Um ambiente de respeito não apenas exige que respeitemos os outros; ele também garante que seremos respeitados.

Maneiras de Viver



Um Futuro Múltiplo

No futuro, precisaremos de um mundo capaz de abraçar o diferente: um mundo de múltiplos regimes políticos, crenças, sistemas econômicos e culturas. Esta é a crença de [John Gray](#), que acredita que todos os projetos de civilização globais – aqueles que defendem a existência de um único modelo de sociedade capaz de ser aplicado no mundo inteiro – acabaram levando à violência.

“Uma das minhas crenças mais fortes é que a verdade a respeito do mundo humano não pode caber em uma única filosofia ou um único sistema de ideias”, afirma Gray. “Chego a temer e suspeitar de qualquer projeto, seja ele intelectual ou político, que almeje unificar e harmonizar o pensamento humano ou a vida humana em um único sistema.”

Por isso, o mundo do futuro (e também o do presente) não será marcado por um único modelo político, como quiseram no passado comunistas, fascistas, liberais e imperialistas, mas de muitos regimes: democracias liberais e não liberais, monarquias constitucionais, impérios, zonas de anarquia e até mesmo tiranias. “Qualquer sonho de um sistema universal é uma ilusão”, afirma o filósofo. E mesmo dentro de um único regime, haverá uma tendência ao [multiculturalismo](#).

Portanto, o grande desafio dos líderes do futuro é encontrar uma maneira de viver em harmonia. Na verdade, é o mesmo desafio que vem acompanhando a civilização desde a sua origem. Em termos gerais, Gray aponta que a prioridade deve ser a busca do fim dos conflitos e a criação de redes de diálogo. Em vez de combater as diferenças, a chave está na criação de mecanismos que possibilitem seu equilíbrio.

#John Gray (1948)

Filósofo britânico, conhecido por suas críticas ao humanismo e ao pensamento utópico. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2015.

#multiculturalismo

Termo que designa a existência de diversas culturas em um mesmo espaço geográfico em que ao menos uma delas é predominante. Críticos deste modelo apontam que ele pode representar uma ameaça à cultura nativa.



LIÇÕES PARA PROMOVER A PAZ

Poucas pessoas sabem tão bem como travar uma guerra que não se quer lutar quanto **José Ramos-Horta**. Ele foi um dos grandes líderes dos rebeldes do Timor-Leste – um pequeno país da Oceania que, em 1975, apenas nove dias após se tornar independente de Portugal, foi invadido pela vizinha Indonésia. Ao longo de 24 anos, Ramos-Horta e seus soldados combateram em uma guerra que, se dependesse deles, jamais teria acontecido. Por isso, o Prêmio Nobel da Paz é extremamente capacitado para dar lições de como encerrar conflitos que se mostraram inevitáveis. Destacamos alguns de seus principais ensinamentos:

1 – SE SEU INIMIGO É FORTE, NÃO LUTE COM A FORÇA

Os timorenses eram uma população de menos de 1 milhão de pessoas lutando contra outra de mais de 200 milhões. Sabiam que não poderiam vencer através do uso da força, e nem desejavam isso: o enfrentamento militar não era viável, pois deixaria muitos mortos e destroçaria o país. Por isso, Ramos-Horta recomendou que se utilizasse outra estratégia. Há outros meios de travar um embate: meios políticos, meios diplomáticos. Neles, destaca, a principal arma é a paciência.

2 – NÃO RECORRER À VIOLÊNCIA CONTRA CIVIS

O jurista acredita que aqueles que se rebelam contra a tirania devem apresentar um comportamento digno. “Se nós recorreremos à violência contra civis, estamos destruindo nossa própria consciência, nossa moral, nossos valores. E que sociedade vamos construir depois?”, diz ele, opondo-se ao ataque contra cidadãos que não fazem parte do exército e, muitas vezes, nada têm a ver com o conflito. Segundo Ramos-Horta, nenhum civil indonésio foi morto durante a guerra. “Combater pela nossa liberdade não significa combater outro povo.” Talvez por isso, hoje, os dois países têm ótimas relações.

#José Ramos-Horta
(1949)

Jurista timorense, Prêmio Nobel da Paz. Conferencista do *Fronteiras do Pensamento* no ano de 2013.

3 – FORTALECER AS INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS

Ramos-Horta acredita que a **ONU** está cada vez mais fragilizada. Todos os países concordam que uma reforma é necessária, mas há uma discordância quanto ao tipo de mudança necessária. Para os países do Terceiro Mundo, aponta ele, o ideal seria um maior equilíbrio no conselho de segurança: se todos os países tiverem lugar de fala em pé de igualdade, poderão denunciar situações como aquela imposta pela Indonésia sobre o Timor. Mas o timorense acredita que há pressões de outros países do Primeiro Mundo para que ela seja fragilizada, pois muitas vezes o interesse da maioria dos países pode ir contra as preferências do seletivo grupo de poderosos.

5 – SABER INFLUENCIAR PESSOAS IMPORTANTES

Os meios de comunicação e a internet tornaram possível que o Timor, mesmo sendo uma nação pequena, chamasse atenção internacional para a sua situação. Tanto é que o país se libertou da ocupação indonésia em 1999, quando, após grande pressão internacional, foi convocado um referendo que levou à independência do país. Para Ramos-Horta, em um caso como o do Timor, são determinantes a coragem e a tenacidade de um povo. Mas só isso não basta: ele acredita que um povo deve ter líderes competentes, pois são eles que têm contato com pessoas importantes – e a chance de influenciá-las.

#ONU

Organização das Nações Unidas, criada para promover a cooperação internacional, que promove encontros regulares com os líderes de todos os países do mundo reconhecidos pela instituição.

4 – COMBATER A POBREZA

Centenas de milhões de pessoas no mundo lutam em seu dia a dia para encontrar água limpa para beber, um teto para morar, alimentos para os filhos. Ramos-Horta observa que, enquanto não houver um equilíbrio de condições do mundo, teremos “viveiros de extremismo” – nos locais onde o ódio pelas condições de vida existe, a intolerância predomina. Por isso, combater a pobreza é uma questão não só ética e moral, mas estratégica.

POR QUE PRATICAR A TOLERÂNCIA?

Às vezes, temos a sensação de que as grandes transformações e a solução dos maiores problemas do lugar onde vivemos não está em nossas mãos; que tudo é decidido a portas fechadas por políticos, ricos e pessoas poderosas. Sentimo-nos impotentes, e até temos vontade de atirar a toalha.

Pode parecer estranho, mas há um motivo para que as coisas sejam assim. Parte da função de um estado democrático, como é o Brasil, é impedir que o país possa ter seu rumo alterado de acordo com as arbitrariedades de um único indivíduo, seja ele quem for.

Por outro lado, nossa democracia tem falhas a serem corrigidas, e a principal delas talvez seja o fato de que, em muitos dos processos políticos, o povo não tem qualquer participação. Se é importante que o país não pode ser sujeito à vontade de indivíduos, é igualmente vital que a opinião desses indivíduos seja levada em conta.

Mas não são apenas as grandes decisões que transformam um país. Os pequenos atos do dia a dia, somados, transformam o mundo ao nosso redor, a sociedade onde vivemos, a cultura de nosso país. Essas transformações ocorrem através do que se chamam atos políticos, que podem ser muito pequenos, como colocar o lixo no lixo em vez de atirá-lo no chão, ou imensos, como dedicar boa parte de uma vida ao trabalho voluntário.

A prática da tolerância também é um ato político, além de uma ferramenta de transformação positiva. Em uma sociedade tolerante, a diversidade e o bem-estar têm maiores chances de aflorar, as pessoas se sentem mais seguras e experimentam uma maior liberdade para criar e inovar. A tolerância, portanto, além de ser um valor ético constituinte de nossa sociedade, também é um ato político.

COMO PRATICAR A TOLERÂNCIA?

Vimos neste fascículo as principais manifestações de intolerância existentes. Conhecer estes fenômenos é importante para não compactuarmos com o ódio, a exclusão e a discriminação. As categorias de intolerância apresentadas aqui, contudo, não são as únicas prejudiciais ao convívio, apenas as mais extremas.

Não precisamos nos preocupar em determinar se um ato se encaixa ou não em uma determinada categoria de intolerância. Devemos, sim, buscar uma reflexão mais ampla. Humilhar um colega pelas roupas que ele decide usar, por causa de seu corpo ou por causa do lugar onde mora são atos de intolerância. Por menores que possam parecer, eles têm consequências muito graves para a autoestima e a dignidade de quem sofre com eles.

Como vimos, tolerância requer compreendermos o outro e nos colocarmos em seu lugar. Mas é importantíssimo frisar que nem tudo deve ser tolerado. Há práticas que são incompatíveis com os valores de nossa sociedade: racismo, homofobia, ditaduras, incitação da violência. São atos que ferem os direitos humanos – um termo muito criticado atualmente, porque é mal compreendido. Os direitos humanos são associados, por pessoas ignorantes ou mal-intencionadas, à prática de crimes. Na verdade, o termo “direitos humanos” se refere a um consenso internacional de que certas regras devem ser respeitadas por todas as pessoas na face da Terra. Ninguém deve ser humilhado, violentado ou assassinado, independentemente de quem seja. Isso é o mínimo. E é aí que se impõe um limite à tolerância: não é porque alguém discorda dessas diretrizes básicas que terá liberdade para violá-las. Permitir isso significaria um caos social, um retorno à barbárie e a impossibilidade da vida em sociedade.

Devemos lembrar que a chave para a tolerância é o diálogo. Tolerância não é apenas não agredir o outro fisicamente ou deixar de propagar mensagens de ódio. É aprender a ouvir, a apresentar nossas ideias de maneira menos radical e estar disposto a reconhecer nossos erros. É, em resumo, saber respeitar o outro como respeitamos a nós mesmos.



Você, que faz parte da “Geração Z”, é sujeito e protagonista do mundo no século XXI, com amplo acesso a todos os caminhos da informação abertos na esfera digital.

Os relacionamentos, o conhecimento e a educação ganharam um novo cenário.

Isso potencializa os momentos para que você aprenda e aja para melhorar o mundo, em atitudes que vão do seu ambiente familiar à nação, do seu bairro ao globo conectado.

Nos últimos anos, a ocorrência de diversos atentados na Europa e no Oriente Médio alertaram o mundo para o perigo do extremismo religioso. É preciso, cada vez mais, resgatar os valores e conceitos trazidos pela tolerância e pelo respeito, e combater também a intolerância cultural, econômica, religiosa, sexual e racial. Ao se buscar a igualdade e a inclusão, atuamos para que a humanidade possa caminhar na direção de um futuro digno para todos.

PATROCÍNIO

Braskem

PARCERIA INSTITUCIONAL

**UFRGS**
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL


Prefeitura de
Porto Alegre

REALIZAÇÃO

FRONTEIRAS
DO PENSAMENTO